

Folha CAPIXABA

• Diretor: HERMOGENES LIMA FONSECA •

Alguns Dados Sobre a Academia Espírito Santense de Letras

A idéia da fundação de uma Academia Feminina de Letras surgiu dos membros da Academia Espírito Santense de Letras, que em reunião realizada na sua sede, em 8/7/1949, dividiram as suas idéias e opiniões no sentido de que já podem os intelectuais do Espírito Santo agruparem-se em associações próprias, para fins de uma mais ampla e perfeita coordenação de suas atividades literárias, uma vez que há muito vinham as mesmas palpitando com os homens, nesse terreno do intelecto.

Em 18/7/1949, na sede da A.E.S. de Letras, realizou-se uma sessão, sob a presidência do Dr. Eurípedes Queiroz do Oliveira Neves como Vice Pre-

idente Leonor Miguel Feu Colares Junior, tendo sido fundada, então, a ACADEMIA FEMININA ESPÍRITO SANTENSE DE LETRAS e deixa na mesma data a sua diretoria, que ficou assim constituída: Presidente — Deputado Judith Leão Caselo Ribeiro; Vice-Presidents — Annette de Castro Mattos — Ia. Secretária Arlette Clivere de Cipreste — 2a. Secretária Zeny Santos; Tesoureira Maria Albuquerque de Oliveira; Bibliotecária Yamaguchi Soneghet e Diretora Artística Virginia C. Tamanini. Atualmente dirige a Academia Annette do Castro Mattos como Presidente, Prof. Doralice de Oliveira Neves como Vice Pre-

sidente Alisa Alves Santos como 2a. REALIZAÇÕES

Nesse lapso de tempo a Academia Feminina tem mantido intercâmbio cultural com outros Estados da União como sejam Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Amazonas, com trocas de artigos publica-

Suplemento Especial de Natal

Não Pode Ser Vendido Separadamente

Preces de Natal

EURIDICE DE OLIVEIRA

Oh! querido Menino Nazareno,
As almas sofredoras consola,
Aos impuros, pureza e crença daí
Bergo e comida ao pobre órfão pequeno.

Que faminto, infeliz, de olhar sereno
Andeja. Que foi feito de seu pai?
— Oh! Jesus bondoso, aos pobres dai
Dias melhores, um futuro ameno.

À mundo vil, repleto de maldade
Compreensão, amor, felicidade,
O certo discernir o bem do mal.

Assim, Jesus, dos ermos, das escarpas,
Doces preces, sutis acordes d'harpas,
Sobem aos céus na Noite de Natal.

— Leia na 3.a Página —



NATAL

De Alisa Alves Santos

Natal Suburbano

YOLANDINO MAIA

NATAL!.. NATAL!..

De Maria Stela de Novaes

Que Eu Sofra...

De Antonio Félix Pimentel

Bibliografia

De Ciro Vieira da Cunha

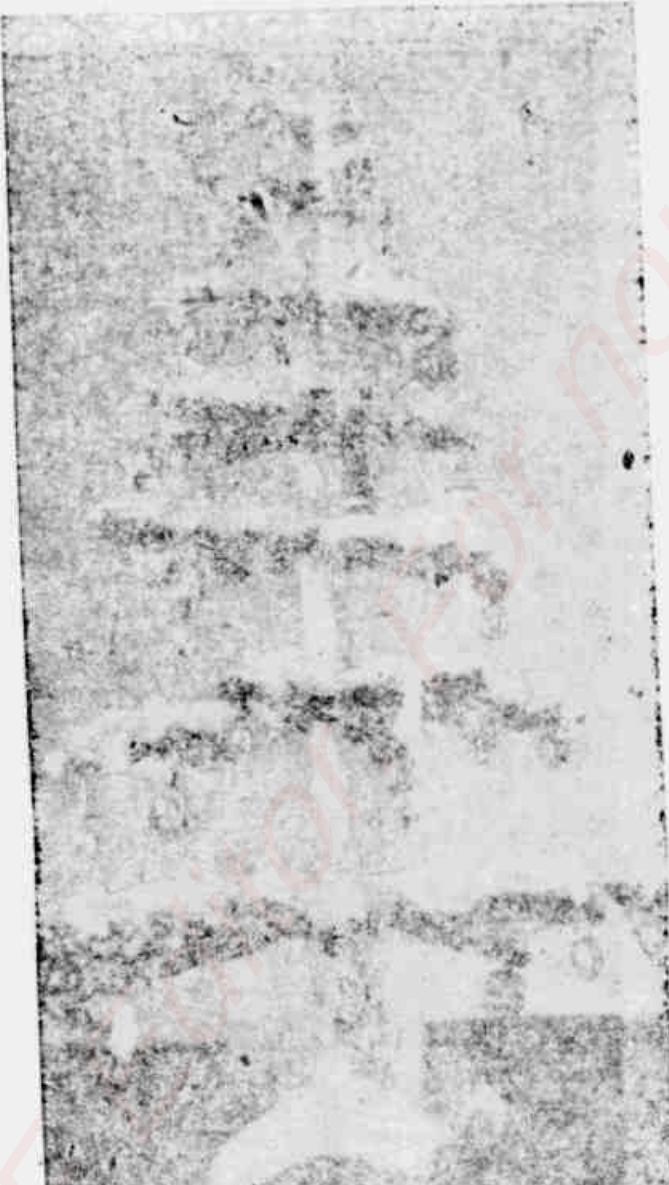
CONTO DE NATAL

Annette de Castro Mattos

(Na Terceira página)

Os Presentes dos Magos

Conto de Autoria de O. HENRI, na 4.a Página



“Glória a DEUS Nas Alturas e PAZ na Terra aos Homens de Boa Vontade”

NATAL E PAZ

Willis MACHADO

(Na Terceira página)

Fraternidade

DARLY SANTOS

Quando as dúvidas se forem um dia
e dissipada estiver a minha fisionomia...
Quando os instantes de depressão
deram lugar a completa liberação...
Então caminharemos felizes e serenos,
sem dúvidas,
sem melancólias,
sem angústias...

E por que as dúvidas?
E por que a melancolia?
E por que a ansiedade em penetrar
em floridas verdades?

Dúvidas que surgem de repente,
na luta diabólica de gente contra gente.
Dúvidas ao ver crianças místrapilhas,
tendo direito a ver maravilhas.
Dúvidas que sufocam o coração,
aumentando a opressão.
Dúvidas que são a infelicidade
das que possuem sensibilidade.

Das dúvidas à melancolia...
Elas passarão, todavia,
batidas pelos ventos renovadores
de um Mundo cheio de esplendor.

Mundo de Paz. Mundo de Amor.
Mundo de Respeito. Mundo sem Dor.

E, então, de mãos dadas
e fisionomias descansadas,
beijaremos o Mundo
e o Mundo nos beijará.

Saudação aos Eleitores

000

Após minha diplomação como Deputado Estadual dirijo as mais sinceras congratulações aos meus companheiros ferroviários, a todos os trabalhadores e ao povo que me honraram com sua confiança elegendo-me seu representante na futura Assembléa Estadual, onde espero defender seus anseios e justas reivindicações.

Aproveito o ensejo para expressar, através desse jornal, meus ardentes votos de BOAS FESTAS e FELIZ ANO NOVO aos trabalhadores e ao povo capixaba.

Vitória, dezembro de 1958

JOCARLY GOMES SALLES



COMPLETA SOB TODOS OS PONTOS DE VISTA

BRAIZER É A MELHOR CAMISA

Fábrica: Rua Duque de Caxias, 158
Posto de Vendas: Av. Jerônimo Monteiro, 384

BRAIZER LHE DESEJA BOAS
FESTAS E UM FELIZ ANO NOVO

CASA HILAL

- DE -

HILAL & HILAL

Armarinhos, armas, munições e artigos para pesca
— Rua Jerônimo Monteiro, 23 —

Com satisfação cumprimenta o público, amigos e amigos
Bom NATAL e Feliz ANO NOVO

Alfaiataria Zardini

Especialidade em casemiras, Tropicais, linhos, nacionais e estrangeiros — Aviamentos para alfaiates
Fazendas, armariinhos, chapéus e roupas feitas

AVENIDA DUARTE LEMOS, 219
Telefone: 23-21

VITÓRIA — E. E. SANTO

Hotel Império

AGRADECE A PREFERÊNCIA QUE LHE FOI DISPENSADA DURANTE O ANO DE 1958, ESPERANDO MERECER A MESMA PREFERÊNCIA NO PRÓXIMO ANO

AO ENSEJO, CUMPRIMENTA A TODOS OS SEUS HÓSPEDES E AMIGOS, DESEJANDO-LHES BOAS FESTAS E UM VENTUROSO NATAL

Esquina da Praça Costa Pereira c/ a Rua Sete Setembro
VITÓRIA — E. E. SANTO

Farmácia Espírito Santo

Agradece aos seus inúmeros amigos e freguesas pelo muito que fizeram na preferência dispensada ao seu estabelecimento e, neste fim de 1958, deseja a todos um Feliz Natal e um próspero ANO NOVO.

Imobiliária Cobilândia

Tem a satisfação de cumprimentar seus inúmeros compradores, admiradores e amigos ao ensejo das festas de fim de Ano e aproveita a oportunidade para agradecer o estímulo e a cooperação que lhe tem sido dispensada

Compre lotes na futura "Manchester Brasileira": Cobilandia

Clima ameno e saudável, amplas avenidas, campo de esporte e escola Distante pouco mais de dois quilômetros da capital

IMOBILIARIA COBILANDIA:

Escritório de Vendas: Av. República, 136 (A Normalista)

VITÓRIA — E. Santo — Tel. 25-41

BRESCIANI — Símbolo de Garantia

A menor e maior relojoaria da Cidade Deseja-lhe

BOAS FESTAS E FELIZ 1959

Av. Jerônimo Monteiro

VITÓRIA

NATAL

Aissa Alves Santos

"Gloria a Deus nas Alturas! Paz aos homens!"
— E' natal! E' natal! Jesus nasceu...
Levantam-se assustados os pastores
à voz dos anjos, que passam a cantar:
— E' natal! E' natal! Jesus nasceu...
E, pressurosos, põem-se a caminhar.

E segue pelos vales, pelos montes,
O grupo destemido, e bem singelo,
Em busca do Messias prometido.
E, ó surpresa! O' bendita alegria!
Na gruta de Belém, radioso e belo,
Jesus sorri nos braços de Maria!

Natal Suburbano

Yolandino MAIA

Nasceu na mangedoura suburbana,
numa data comum do calendário,
a filha de José, um operário,
e de Maria... não — seu nome é Ana.

José promove então nessa semana
um alegre descanso proletário,
treccando um dia inteiro de salário
no leito a contemplar a flor humana.

Um perfume volátil de alfazema
brinca ciranda no ar daquela quarto:
— Nasceu uma menina. Ótimo parto.

Ana e José discutem o dilema
de como irá chamar sua menina:
— Zélia?... — Angelina?... Sim: Zélia Angelina.

CONTO DE NATAL

Annette de Castro Matos

Era uma vez, (assim começam as histórias) uma menina pobresinha, porém muito boa. Não tinha pai nem irmãos. Morava com a mãe em uma casinha humilde, numa rua estreita, quasi no fim da cidade.

Ritinha, esse era o nome da menina, ia à escola todos os dias com uns tamanquinhos já um tanto gastos e o vestido de chita remendado, mas limpo e passadinho. Os cabelos traziam partidos ao meio, deixando cair duas tranças bem arranjadinhas sobre os ombros.

Antes da aula ajudava a mãe nos serviços caseiros, cantarolando hinos escolares e à tarde carregava as pequenas trouxas de roupa para a freguesia, enquanto a mãe carregava as maiores. E ainda sobrava tempo para estudar, sempre satisfatória, sendo muito estimada pela mestra e colegas, por sua bondade, aplicação e bom comportamento.

Aproximava-se o natal. Ritinha ouvia falar nas festas próprias dessa época. Seus ouvidos andavam cheios de nomes assim: nozes, castanha, mas, apezas de não sentir inveja das companheiras que se vestiam bem e levavam merenda farta, sentia, como era natural na sua idade, um desejo imenso de possuir uma boneca de louça, grande e de olhos azuis, que vira dias antes na vitrine de uma loja. Desejava-a, apenas, pois, sabia que a mãe não poderia dar, uma vés que o dinheiro em casa mal dava para o necessário.

Chegou, finalmente, a véspera do grande dia em que a humanidade celebra o nascimento de Jesus. A mãe de Ritinha, que no dia anterior sentira umas pontadas nas costas, não pudera levantar-se do leito naquela manhã. Tentou erguer-se, mas, inutilmente. Agora doli-lhe, também a cinta e as pernas estavam pesadas. Fez novo esforço seguido de novo fracasso.

Olhou a filha que dormia na cama ao lado e quis chamá-la, mas, vendo-a tão sotengada, teve pena de acordá-la.

Um pouco mais tarde, quando Ritinha despertou, ficou admirada de ver sua mãe ainda deitada, o que era fóra de seu hábito. Levantou-se ligeira e abrindo-se da cama perguntou se estava sentindo alguma coisa.

Respondendo-lhe afirmativamente a mamãe pediu-lhe que fizesse as arrumações ligeiras e chamasse uma vizinha, no que foi logo atendida.

O dia inteiro passou-o acamada. Ao entardecer lembrou-se de que ainda havia algumas peças para entregar e chamando Ritinha, pediu para que as fosse levar, recomendando que não demorasse.

Saiu a menina com a trouxinha, preocupada com o estado de saúde de sua mãe-senhora e pôs-se a caminhar com paços apressados. Logo chegou à praça movimentada e barulhenta. Quando se dispunha a atravessá-la, ouviu replicar de sinos e insinuivamente seus olhos voltaram-se para a igreja fronteira.

No seu coraçãozinho puro e ingênuo nasceu o desejo de ver Jesus e pedir pela doçete que ficaria em casa.

Encaminhou-se para o templo; subiu as escadarias e logo achou-se dentro, donde uma multidão entrava e saía sem cesar. Foi caminhando devagarinho e com dificuldade viu o presépio onde os carneirinhos, o boi, o jumento, os pastores, José e Maria

e deitado nas palhinhas o Menino Jesus.

Seus olhos não paravam, indo de um lado para outro. Ajoelhou-se e juntando as mãosinha numa prece, pediu a Deus que ressuscitasse a saude da mãe-senhora querida, que a fizesse reviver logo. Era só o que desejava naquele natal e nem a boneca queria mais em troca do que pedira.

Retomando a trouxa que havia deixado ao lado, no chão, saiu da igreja e continuou o seu caminhar.

Escurecia já. Anúncios luminosos começavam a por manchas multicolores no espaço; radios espalhavam pelo ar música comoventes e ternas. Nas vitrines, os enfeites mais variados punham uma nota alegre e colorida e Ritinha esbanhava exultada com aquele espetáculo que ainda não conhecia.

Subia a rua a que se destinava, quando uma profusão de luzes fez-lhe parar de troncos, grades de um palacete onde havia uma linda festa para crianças.

Risos, canções, estalos de colas arrebatadas, tintir de guinchos, salam de dentro e um bando de crianças irrompeu pelo jardim, indo lado a lado em direção a uma enorme árvore de natal encimada por uma estrela brilhante, cheia de brinquedos e guloseimas.

Os portões estavam abertos e Ritinha automaticamente foi entrando, surpresa por aquele lindo espetáculo. Depositou a trouxa em um banco e olhava fascinada para o grande pinheiro enfeitado quando se viu cercada pelos meninos e meninas.

Estremeceu e quis fugir, mas, as crinhas impediram-lhe a passagem. Começou a chorar e nem respondia ao que lhe perguntavam.

Em seguida vieram senhoras

que também a rodearam e fizeram-lhe novas perguntas. Em poucas palavras Ritinha contou-lhe quem era, onde e como vivia, a doença da mãe e o que tinha vindo fazer naquela rua.

Vira tudo aquilo e achara tão lindo! Nunca tinha visto uma coisa assim... então, aquela boneca 'de olhos azuis'...

Começou novamente a sorrir e apanhando a trouxinha, ia retirar-se quando uma delas, naturalmente a dona do palacete, tomou-a pela mão, levou-a até à árvore mandando que escolhesse o que quisesse.

Ritinha não podia acreditar e vacilava. Então, a senhora encheu-lhe as mãos de brincos, quedas e doces e depois chamou o marido que era médico, pô-lo 'ao par do que se passava' e foram o automóvel e foram todos levar a menina em casa.

Ai chegando, Ritinha irrou como uma bala pelo quarto a dentro e de tão alegre e emocionada que estava mal podia articular algumas palavras, seguida pelos visitantes que pararam à porta, assistindo aquela cena comovente.

Por muitos dias seguidos voltaram os donos do palacete a visitar a doente e levar-se remédios e outros auxílios.

Em breve estava restabelecida e seus protetores continuaram sempre a olhar pelas duas e nunca se arrependiam desse gesto de bondade, porque não tendo outra causa para retribuir-lhes, os seus protegidos lhes davam uma amizade pura e sincera.

E foi assim que, numa véspera de Natal, uma menina pobre recebeu de Jesus a recompensa de sua meiguice, aplicação aos estudos, bom comportamento e sobretudo ao seu grande amor filial.

Natal e Paz

Por: WILLIS MACHADO

Como em todos os anos o Natal é comemorado com plenitude e pompa de que é revestido o nascimento do Messias. Mas eu falei em plenitude e pompa? A História não conta que o Salvador nasceu em uma estrebaria junto à animais e que teve como testemunha Maria, José e os Reis Magos? Ou a História se equivocou neste ponto? Acredito que não. Por mais que desejarmos imitar o seu ensinamento, mais nos afastamos do caminho por ele instituído. A nossa época não mais se comprehende. É uma época em que o mais audaz, o mais forte se apodera de tudo num misto de soberania que é revoltante e irreverente.

Há tempos atrás ainda existia um certo comodismo nas festividades de fim de ano. O rico tinha o seu festejado Natal da meia noite, pôrém o remediado e o pobre tinham-no também. Era época em que para festejar a data máxima da Cristandade não precisava arrancar a pele do corpo.

Mas tudo evoluiu, tudo que era razoável tornou-se insuportável, tudo que se podia comprar com certeza de um preço mais ou menos, se tornou preço smente para os poderosos. Para muitos o Natal hoje em dia é assemelhado à vida cotidiana. As incongruências da vida leva o povo a depredações, vandalismos e outras coisas más, que em absoluto se pode condonar. O povo enfatizou-se com os múltiplos problemas econômico-financeiros do país

e num clima de animosidade manifesta o que lhe vai à alma. Chegará época em que não se poderá comemorar o Natal nem com as mais baratas guloseimas e este então para muitos passará despercebido.

"Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade." Bonita frase, que se fosse compreendida por alguns faria a felicidade de um total. Porque talvez em paz, se o mundo está amegado pelos seus dirigentes máximos, que vêm nas guerras e nos conflitos, o prazer de seus instintos? Porque falar em paz é fingir uma paz que jamais virá, se os homens da terra não têm uma idéia fixa e voltada para os problemas unitários do mundo? Mas o tempo falará com mais imponência, e talvez, num futuro próximo possamos falar em paz na terra aos homens de boa vontade. E então teremos a alegria e a paz que necessitamos, virão sem sacrifícios ou vicissitudes.

Que esse Natal abra os corações unívocos e cicatrizes as profundas chagas que nães habitam desde há muito. Que surja uma estrela, como o nascimento do Senhor e os guia pelos caminhos luminosos das felicidade e prosperidade, para que se possa falar em paz.

Que quando os sinos batalarem concitando o povo à coração, tenha os mandatários os pensamentos voltados ao céu, e em preces roguem ao Senhor por um melhor entendimento entre os povos.

BIBLIOGRAFIA

Ciro Vieira da Cunha

Natal... Natal... meus tempos de menino, tempos felizes que não voltam mais... Missa do galho... replicar do sino... E a casa pobre dos meus velhos pais...

Natal... a mocidade... o desatino... Amores loucos, ternos madrigais... Mulheres que dobraram o meu destino... Beijos de laço, quentes e fatais...

Papá Noel! atende ao meu pedido, nesta noite de paz e de bonança... Atende... pelo muito que hei sofrido...

E em meus sapatos põe a caridade de um pedaço de esperança, de um farrapo esquecido de saudade...

Poema de Natal

Vinicius de Moraes

Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrado
Para chorar e fazer chorar
Para enterrar os nossos mortos —
Por isso temos os braços longos para os adeus
Mãos para colher o que foi dado
Dedos para cavar a terra.

Assim será a nossa vida:
Uma tarde sempre a esquecer
Uma estrela a se apagar na treva
Um caminho entre dois túmulos —
Por isso precisamos velar
Falar baixo, pisar leve, ver
A noite dormir em silêncio.

Não ha muito que dizer:
Uma canção sobre o berço
Um verso, talvez, de amor
Uma prece por quem se vai —
Mas que essa hora não esqueça
E por ela os nossos corações
Se deixem, graves e simples.

Pois para isso fomos feitos:
Para a esperança no milagre
Para a participação na poesia
Para ver a face da Morte —
De repente nunca mais esperaremos...
Hoje a noite é jovem; da Morte apenas
Nascemos, imensamente

OS PRESENTES DOS MAGOS

Autor: O. HENRY

Um dólar e oitenta e sete centavos. Era tudo. E sessenta centavos em niques, niquis. Niqueis um a um, pechinhandos com o vendeiro, o quintaldeiro e o agougueiro até ficar envergonhada pela acusação de pão-durismo que se tornava patente. Por três vezes Della contou o dinheiro. Um dólar e oitenta e sete centavos. E no dia seguinte era Natal.

Não havia nada a fazer, a não ser jogar-se na cama porore e chorar. Foi o que Della fez. O que nos leva à reflexão moral de que a vida se compõe de soluços, fungadelas e sorrisos, com predominância das fungadelas.

Enquanto a dona da casa está lentamente passando da primeira para a segunda fase, vamos dar uma olhadela no ambiente. Um apartamento mobilado, a 8 dólares por semana, que não era exatamente uma habitação de mendigos, mas que de certo sugeria mais a miséria por estar situado no quarteirão dos pendentes.

No vestíbulo, em baixo havia uma caixa de correio onde não entrava carta alguma, e m botão elétrico do qual nenhum mortal conseguiria arrancar um toque. Junto, um cartão com o nome "James Dillingham Young".

O "Dillingham" tinha sido arremessado aos ventos em anterior período de prosperidade, quando seu ocupante ainda ganhava 30 dólares por semana. Agora que o ordenado fora reduzido para 20 dóla-

lares, as letras do "Dillingham" estava apagadas, como se pensasse muito seriamente em contrair-se num modo de despretencioso D. Mas sempre que James Dillingham Young saía do trabalho e entrava em casa, era chamado "Jim" e muito amarrinhado pela senhora James Dillingham Young, já apresentada antes como Della. E tudo isso está muito certo.

Della acabou de chorar e passou pô no rosto. Foi à janela e ficou olhando para fora, para um gato cinzento numa cérco cinzenta, num quintal cinzento. Amanhã seria dia de Natal, e ela tinha apenas um dólar e oitenta e sete centavos para comprar um presente para Jim. Há meses que vinha economizando, níquel por níquel, o resultado era esse. Vinte dólares por semana não dão para nada. As despesas tinham sido maiores do que calculara. Sempre são maiores. Sómente um dólar e oitenta e sete centavos para comprar um presente para Jim. Para o seu Jim. Quantas horas felizes não tinha gasto imaginando alguma coisa bonita para lhe dar! Alguma coisa bonita, rara, verdadeira — alguma coisa que merecesse a honra de pertencer a Jim.

Havia um tremor entre as janelas do quarto. Talvez vocês saibam o que seja tremor. Nesse apartamento de 8 dólares. Uma pessoa muito fina e muito ágil conseguira observando seu reflexo na rápida sequência de tiras longitudinais, obter idéia aproximada

de sua aparência Della, que era cabeca, tinha dominado essa arte. Subitamente, ela rodopiou da janela para o espelho.

Seus olhos brilhavam, ardentes, mas o rosto perdera a cor. Solto rapidamente os cabelos, e deixou-os cair em todo o comprimento.

Bem, os James Dillingham Young tinha duas riquezas das quais muito se orgulhava. Uma era o regalo de ouro de Jim, herdado do pai e do avô. Outra, o cabelo de Della. Se a rainha de Sabá morasse no apartamento em frente, Della portaria o cabelo a secar na janela, só para demonstrar as jóias de Sua Majestade. Se o Rei Salomon fosse o reiador, e tivesse seus tesouros guardados no teto, Jim tiraria o relógio todos as vezes que por ele passasse, só para vê-lo arrançar a barba de inveja.

Os belos cabelos de Della caiam-lhe agora em pôrno, pendentes e luminosos como uma cascata de águas castanhas. Passavam-lhe do joelho e quase lhe serviam de vestimenta. Nervosa e rapidamente ela os prendeu de novo. Parou uma vez, brevemente indiciosa, enquanto uma lágrima ou duas caíam sobre o tapete vermeado e gasto.

Pôs o velho casaco marrom; pôs o velho chapéu marrom. Num redomoinho de salas e ainda com o mesmo brilho nos olhos, voou para a porta e desceu as escadas rumo à rua.

buleta: Mma Sofroino. Cabeceras de toda espécie". Della subiu correndo um andar e depois se concentrou, olhando. Madame. "Tire o chapéu para ver que tal."

A cascata caminha novamente ondulou para baixo.

"Vinte dólares", disse Madame erguendo a massa de fios com mãos práticas.

"Pode dá-los, depressa," disse Della.

Oh! e as duas horas seguiam voaram sob suas rotadas. Enquem a gasta metáfora. Della esteve remexendo em todas as lojas para escolher o presente de Jim.

Encontrou-o, finalmente.

Sem dúvida nada igual em nenhuma das outras lojas, e elas as tinha virado, todas de pernas para o ar. Era uma corrente de platina, simples e discreta, proclamando seu valor apenas pela substância e não por uma ornamentação próposita — como devem ser todas as coisas boas. Era uma corrente digna, mesmo, de Relógio. Assim que a viu soube que deveria pertencer a Jim. Era tal qual ele. "Tranquilidade e valor" — elas uma sinete que servia a ambos. Cobraram-lhe vinte e um dólares pelo presente, e ela partiu para casa com os 27 centavos. Com aquela corrente presa ao relógio Jim poderia preocupar-se convenientemente com as horas, estivesse onde estivesse. Apesar do relógio ser magnífico, muitas vezes Jim o olhava de esguelha por causa da velha

tira de couro que usava em vez de corrente.

Quando chegou em casa, a embriaguez de Della cedeu lugar a um pouco de prudência e raciocínio. Pegou nos ferros de frizar, acendeu o gás e pôs-se ao trabalho, tentando reparar os danos causados pela generosidade somada ao amor. Coisa que consuntiu tarefa gigantesca.

Dentro de quarenta minutos sua cama estava coberta de pequenos e curios enrolados, que maravilhosamente lhe davam a aparência de um colegial alegre. Olhou para sua imagem no espelho durante muito tempo, cuidadosamente, fazendo crítica.

Se Jim não gostar, "dizia a si mesma," antes de me olhar duas vezes já dirá que estou com a cara de corista em Coney Island. Mas é que eu podia fazer — oh! que é que eu podia fazer com um dólar e oitenta e sete centavos?

As sete horas o café estava feito, e a frigideira esperava a um lado do fogão, pronta quentinha para fazer os bifes.

Jim nunca chegava atrasado. Della dobrava a corrente na mão e sentou-se ao campo da mesa próximo à porta pela qual ele sempre entrava. Escutou dali a pouco seus passos no primeiro andar, e por um segundo ficou pálida. Tinha o costume de dizer pequenas preces silenciosas a propósito das coisas más simples de todos os dias, e pôs-se então a sussurrar: "Por fa-

vor, meu Deus, farei que ele ainda me ache bonita."

Abriu-se a porta, Jim entrou, e fechou-se atrás de si. Parecia magro e muito sério. Pobre querido, só estava com vinte e dois anos — e já tinha família nas costas! Precisava de um casaco novo, e estava sem luvas.

Jim parou junto à porta, imóvel como um perdigueiro rarejando a pista. Seus olhos estavam fixos sobre Della, e neles havia uma expressão que ela não conseguia decifrar, e que a assustava.

Não era raiva, nem surpresa, nem censura, nem horror, nem qualquer dos sentimentos para os quais ela se esquivava preparado. Ele se limitava a olhar fixamente daquele modo estranho.

Della afastou-se da mesa e foi para perto dele.

"Jim querido", falou-lhe, "não me olhe dessa jeito. Correi e vendi o cabelo porque era capaz de morrer neste Natal se não lhe pudesse dar um presente. Mas o cabelo — cresce de novo — você não se incomoda, incomoda? Eu tinha que fazer isso. Meu cabelo cresce muito depressa. Diga "Feliz Natal" Jim, e vamos ficar contentes. Você nem imagina que lindo, que formidável presente eu trouxe para você."

"Você cortou os cabelos?" perguntou Jim com dificuldade, como se ainda não tivesse

(Continua na sexta página)

Ao comprar o seu fogão a gas engarrulado, você deve lembrar:
o importante é

CLICK

...porque permite ligar o botijão ao fogão sem nenhum esforço da sua parte

...não é preciso usar ferramentas

...não há peças para atarrachar

1 2

1 - Para ligar o Click ao botijão, tome-o com as mãos e faça pressão para cima no anel de engate. Com o anel apertado contra a parte superior do Click, coloque-o sobre a válvula do botijão e pressione até ouvir o característico "click" 2 - Para retirar o Click faça, inicialmente, pressão para cima, forçando o anel de engate contra a parte superior do mesmo. Levante, logo a seguir, todo o conjunto e a ligação estará desfeita, com a maior simplicidade possível.

GASBRAS
ESTE MÊS SEM
ENTRADA
SÓ GASBRAS TEM CLICK

ORLANDO GUIMARÃES S. A.

Em Vitória: Rua Jerônimo Monteiro, 370/16 — Tel. 23-05

Ave. Cleto Nunes, 241 — Tel. 20-27

Em Vila Velha: Rua Jerônimo Monteiro, 1307 — Tel. 95-14

-MISSA DO GALO-

Autor: MACHADO DE ASSIS

Nunca pude entender a convicção que tive com uma senhora, há muitos anos, convidou eu desse sete, ela trinta. Esta noite de Natal. Havendo passado com um vizinho irão a missa do galo, preferiu dormir; combinei que eu acordaria-o à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Menezes, que fôr casado, em primeiras núpcias com uma das minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe dela acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranquilo, naquele casa assobradada da rua do Senado, com os meus lábios poucas relações, algumas parentais. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Cosumes velhos. As dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez avinham dizer ao Menezes que no teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia círculo, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se e se tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Menezes trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora da casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da concubina; mais afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

Bonita! Chamavam-lhe "a santa", a fazia jus ao título tão facilmente suporava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atraente e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamaímos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu devia estar em Mangaratiba, em ferias; mas fiquei até o Natal para ver "a missa do galo na Corte". A família recolheu-se à hora do costume; eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto. Dali passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. Tinha três chaves a porta, uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira levava em casa.

Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo perguntou-me a mãe de Conceição.

Leio, D. Inácia.

Tinha comigo um romance, os Três Mosqueteiros, velha tradução creio do Jornal do Comércio. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querozene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ebrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrário do que costumavam fazer, quando são de espera, ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala-de-visita à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

Ainda não foi? perguntou ela.

Não fui; parece que ainda não é meia-noite.

— Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, — não disparada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntassem se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pregado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a batei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para não me affligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

— Mas a hora já ha-de está-próxima, disse eu.

— Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sózinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assusta-se quando me viu.

— Quando ouvi os passos estranhos; mas a senhora apareceu logo.

— Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos Mosqueteiros.

— Justamente: é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gosto.

— Já leu a Moreninha?

— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para um-decêlos. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos.

Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles posuar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

— Talvez esteja aborrecida, pensei eu.

E logo alto:

— D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio; são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, e capaz de não dormir de dia?

— Já tenho feito isso.

— Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e meia-hora que seja, hei-de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.

— Que velha o que, D. Conceição?

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranquilas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou concertando a posição de algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa de permeio. Estreito era o círculo das suas

ideias; tornou ao espanho de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que ela sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê-la.

— E' a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.

— Acredito; mas aqui há-de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita na roça. S. João não digo, nem Santo Antônio...

Pouco a pouco, tinha se inclinado; ficara os cotovelos no marmore da mesa e metera o rosto entre as mãos-espalmadas. Não estando abotoadas, as mangas, cairam naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderia supor. A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, podia conta-las do meu lugar.

A presença de Conceição despertava-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras coisas que me iam vindo à boca. Falava emendando os assuntos, sem saber porque, variando deles ou tornando aos primeiros, e riendo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que iluziam de brancos, todos igualinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, ela reprimia-me:

— Mais baixo! mamãe pode acordar.

E não saia daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido; cochichávamos os dois, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou; trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se, de meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinelinhas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

— Mamãe está longe, mas

tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

— Eu também sou assim.

— O que? — perguntou ela inclinando o corpo para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Ri-me da coincidência; também ela tinha o sono leves; éramos três sonos leves.

Há ocasiões em que sou como mamãe; acordando, custa-me dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo a vela, passo, torno a deitar-me e nada.

— Não, não atalhou ela.

Não entendi a negativa; ela pode ser que também não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança. Quis saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava um narrar ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra matéria, e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:

— Mais baixo, mais baixo...

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se elas houvessem fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embêbado na sua pessoa, e lembrei-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradic-me, arrapalhô-me. Uma das que ainda tenho fresca é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantá-la, não consentiu, pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidai que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu como se tivesse um arrepiado de frio, voltou as costas e foi senhar-se na cadeira, onde me achava len-

do. Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, faiou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprá-los.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio desse homem. Um representava "Cleópatra"; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios. — São Bonitos, disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rá-paz ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.

— Mas imagino que os frades, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegra a vista delas com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. E o que penso; mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, muito bonita; mas é de escultora, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Esta no meu oratório.

— Naturalmente.

— Missa do galo! repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha Adeus; até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor adentro, pisando mansinho. Sai à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dalli para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mal de dire; fique isto à conta dos meus dezessete anos.

Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tormei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juaramento do marido.

A Farmácia São Lucas

— Avenida República, 25-51 — Tel. 25-51 —

Agradece a sua distinta clientela a preferência dispensada, esperando merecer a mesma atenção durante o ano próximo.

Ao ensejo formula votos de prosperidade aos seus distintos fregueses e amigos, desejando-lhes felicidades no Novo Ano e muitas alegrias no Natal.

UM ASSUNTO VULGAR

Autor: Arcádio Averchenko

VÉSPERA de Natal.

Bem intenso era o frio. O vento sacava furiosamente as casas, as árvores e não perdoava também aos transeuntes, que faziam o impossível para preservar de seus ataques o rosto, o nariz e a fronte. Quando se cansava de varrer as ruas, subia aos elevados edifícios, buscando campo de ação menos limitado, mais amplo, e dava rédea solta à sua fúria selvagem, rugia como um leão, saltava de teto em teto, escorregava pelas chaminés.

O romancista Dojoff e o artista pintor Poltorakin caminhavam pela calçada coberta de neve, envoltos em pesados abrigos. Dirigiam-se a uma festa infantil, que se realizava aquela noite na residência do editor Sidayeff, e pensavam, satisfeitos, na grata ocasião que os esperava nos aconchegos e aquecidos salões, ante a árvore de Natal, rodeados de crianças ditosas e alegres.

Recrudesceu o frio.

Dojoff dizia:

— É sumamente difícil escrever contos de Natal.

Ou é preciso desenvolver um tema vulgar, ou descrever uma enfiada de horrores mais vulgares ainda...

Deteve-se de repente e voltou a cabeça em direção às grades, meio cobertas de neve, de uma casa da calçada oposta.

— Olha! Que será aquilo?

— Aquilo quê?

— Aquela vulto, nos degraus... Ao fundo, à direita...

Aproximaram-se os dois amigos e viram um menino encoberto no cantinho.

— Que fazes aí?

— Eh! rapazinho! Que fazes aí a estas horas?

Resolveu-se o garoto, e apareceram, dentre os farrapos

que cobriam uma mãozinha roxa de frio e uma cara de brilhantes olhos, úmidos de lágrimas. Devia ter uns oito ou nove anos.

— Estou morrendo de frio — murmurou batendo os dentes.

O pintor, compassivo, comentou:

— Não é para admirar. Veja só que andrajos miseráveis. Inclinou-se o romancista, pensativo, sobre o menino.

— Poltorakin! — disse com solene modulação da voz.

— Esta noite é de Natal, não é?

— Sim, é véspera de Natal.

— Pois... então já vê!

— Sim... Já vejo... E o quê?

O romancista apontou então para o pequeno.

— Percebeste?

— Percebi o quê?

— Puxa! Como você é tapado! Esse é o menino que morre de frio!

— Que novidade velha!

— Esse é o famoso menino que perece de frio na Noite de Natal — acrescentou o fabricante de novelas, com o jeito de quem acaba de efetuar uma importantíssima descoberta científica. — Ei-lo! Finalmente o vejo com os meus próprios olhos!

Inclinou-se também o pintor sobre a desventurada criança.

— Sim, não há a menor dúvida! É ele em carne e ossos! Se não mentem os nossos calendários, amanhã é o dia de Natal... E não devem mentir pois que Sidayeff nos convidou... Talvez haja por estas paragens alguma árvore de Natal com suas luzes. Isso seria o complemento do quadro. A música, a sala resplandecente, os gritos jubilosos das crianças em torno do pinheiro, e a poucos passos de dis-

tância, um pobre menininho que morre de frio...

O pintor gritou:

— Veja só! Naquela casa ali esquina, no quarto andar, quarta, quinta e sexta janelas, se percebe faria iluminação... Com toda a certeza há uma árvore acasa...

— Tudo está de acordo, então!

— Que queres dizer?

— Que isto se assemelha a um conto de Natal... é curioso!

— Poltorakin! — disse com solene modulação da voz.

— Esta noite é de Natal, não é?

— Sim, é véspera de Natal.

— Pois... então já vê!

— Sim... Já vejo... E o quê?

O romancista apontou então para o pequeno.

— Percebeste?

— Percebi o quê?

— Puxa! Como você é tapado! Esse é o menino que morre de frio!

— Que novidade velha!

— Esse é o famoso menino que perece de frio na Noite de Natal — acrescentou o fabricante de novelas, com o jeito de quem acaba de efetuar uma importantíssima descoberta científica. — Ei-lo! Finalmente o vejo com os meus próprios olhos!

Inclinou-se também o pintor sobre a desventurada criança.

— Sim, não há a menor dúvida! É ele em carne e ossos! Se não mentem os nossos calendários, amanhã é o dia de Natal... E não devem mentir pois que Sidayeff nos convidou... Talvez haja por estas paragens alguma árvore de Natal com suas luzes. Isso seria o complemento do quadro. A música, a sala resplandecente, os gritos jubilosos das crianças em torno do pinheiro, e a poucos passos de dis-

tância, um pobre menininho que morre de frio...

O pintor gritou:

— Veja só! Naquela casa ali esquina, no quarto andar, quarta, quinta e sexta janelas, se percebe faria iluminação... Com toda a certeza há uma árvore acasa...

— Tudo está de acordo, então!

— Que queres dizer?

— Que isto se assemelha a um conto de Natal... é curioso!

— Poltorakin! — disse com solene modulação da voz.

— Esta noite é de Natal, não é?

— Sim, é véspera de Natal.

— Pois... então já vê!

— Sim... Já vejo... E o quê?

O romancista apontou então para o pequeno.

— Percebeste?

— Percebi o quê?

— Puxa! Como você é tapado! Esse é o menino que morre de frio!

— Que novidade velha!

— Esse é o famoso menino que perece de frio na Noite de Natal — acrescentou o fabricante de novelas, com o jeito de quem acaba de efetuar uma importantíssima descoberta científica. — Ei-lo! Finalmente o vejo com os meus próprios olhos!

Inclinou-se também o pintor sobre a desventurada criança.

— Sim, não há a menor dúvida! É ele em carne e ossos! Se não mentem os nossos calendários, amanhã é o dia de Natal... E não devem mentir pois que Sidayeff nos convidou... Talvez haja por estas paragens alguma árvore de Natal com suas luzes. Isso seria o complemento do quadro. A música, a sala resplandecente, os gritos jubilosos das crianças em torno do pinheiro, e a poucos passos de dis-

tância, um pobre menininho que morre de frio...

O pintor gritou:

— Veja só! Naquela casa ali esquina, no quarto andar, quarta, quinta e sexta janelas, se percebe faria iluminação... Com toda a certeza há uma árvore acasa...

— Tudo está de acordo, então!

— Que queres dizer?

— Que isto se assemelha a um conto de Natal... é curioso!

— Poltorakin! — disse com solene modulação da voz.

— Esta noite é de Natal, não é?

— Sim, é véspera de Natal.

— Pois... então já vê!

— Sim... Já vejo... E o quê?

O romancista apontou então para o pequeno.

— Percebeste?

— Percebi o quê?

— Puxa! Como você é tapado! Esse é o menino que morre de frio!

— Que novidade velha!

— Esse é o famoso menino que perece de frio na Noite de Natal — acrescentou o fabricante de novelas, com o jeito de quem acaba de efetuar uma importantíssima descoberta científica. — Ei-lo! Finalmente o vejo com os meus próprios olhos!

Inclinou-se também o pintor sobre a desventurada criança.

— Sim, não há a menor dúvida! É ele em carne e ossos! Se não mentem os nossos calendários, amanhã é o dia de Natal... E não devem mentir pois que Sidayeff nos convidou... Talvez haja por estas paragens alguma árvore de Natal com suas luzes. Isso seria o complemento do quadro. A música, a sala resplandecente, os gritos jubilosos das crianças em torno do pinheiro, e a poucos passos de dis-

tância, um pobre menininho que morre de frio...

O pintor gritou:

— Veja só! Naquela casa ali esquina, no quarto andar, quarta, quinta e sexta janelas, se percebe faria iluminação... Com toda a certeza há uma árvore acasa...

— Tudo está de acordo, então!

— Que queres dizer?

— Que isto se assemelha a um conto de Natal... é curioso!

— Poltorakin! — disse com solene modulação da voz.

— Esta noite é de Natal, não é?

— Sim, é véspera de Natal.

— Pois... então já vê!

— Sim... Já vejo... E o quê?

O romancista apontou então para o pequeno.

— Percebeste?

— Percebi o quê?

— Puxa! Como você é tapado! Esse é o menino que morre de frio!

— Que novidade velha!

— Esse é o famoso menino que perece de frio na Noite de Natal — acrescentou o fabricante de novelas, com o jeito de quem acaba de efetuar uma importantíssima descoberta científica. — Ei-lo! Finalmente o vejo com os meus próprios olhos!

Inclinou-se também o pintor sobre a desventurada criança.

— Sim, não há a menor dúvida! É ele em carne e ossos! Se não mentem os nossos calendários, amanhã é o dia de Natal... E não devem mentir pois que Sidayeff nos convidou... Talvez haja por estas paragens alguma árvore de Natal com suas luzes. Isso seria o complemento do quadro. A música, a sala resplandecente, os gritos jubilosos das crianças em torno do pinheiro, e a poucos passos de dis-

tância, um pobre menininho que morre de frio...

O pintor gritou:

— Veja só! Naquela casa ali esquina, no quarto andar, quarta, quinta e sexta janelas, se percebe faria iluminação... Com toda a certeza há uma árvore acasa...

— Tudo está de acordo, então!

— Que queres dizer?

— Que isto se assemelha a um conto de Natal... é curioso!

— Poltorakin! — disse com solene modulação da voz.

— Esta noite é de Natal, não é?

— Sim, é véspera de Natal.

— Pois... então já vê!

— Sim... Já vejo... E o quê?

O romancista apontou então para o pequeno.

— Percebeste?

— Percebi o quê?

— Puxa! Como você é tapado! Esse é o menino que morre de frio!

— Que novidade velha!

— Esse é o famoso menino que perece de frio na Noite de Natal — acrescentou o fabricante de novelas, com o jeito de quem acaba de efetuar uma importantíssima descoberta científica. — Ei-lo! Finalmente o vejo com os meus próprios olhos!

Inclinou-se também o pintor sobre a desventurada criança.

— Sim, não há a menor dúvida! É ele em carne e ossos! Se não mentem os nossos calendários, amanhã é o dia de Natal... E não devem mentir pois que Sidayeff nos convidou... Talvez haja por estas paragens alguma árvore de Natal com suas luzes. Isso seria o complemento do quadro. A música, a sala resplandecente, os gritos jubilosos das crianças em torno do pinheiro, e a poucos passos de dis-

(Continuação da página pág.)

assimilado aquele fato evidente nem mesmo após arduo esforço mental.

— Cortei e vendi!, respondeu Della. "Vendi, já lhe disse, por sorte embora! Seja bonzinho para mim, hoje e sempre de Natal, e eu fiz isso por você. De meus cabelos saívei esse possível saber o número, mas o meu amor por você é inumerável, ultrapassa os cálculos humanos. Posso servir a comida, Jim?

Jim pareceu acordar do transe.

— Tens razão. Deixei minha imaginação caminhar sem freio. Mas, não Deus me livre disso! Aborreço tudo quanto é vulgar. Caminhemos!

A CONSOADA

— As argolas, mãe? — perguntou, do catreinho de bancos, a voz estremunhada da criança, que acordara ao ranger da porta.

— Dorme, rapariga... Não temas sem a consolada... Teu pai ainda não chegou da feira.

A criança voltou-se no catre, ficou com os olhos abertos, encolhida e emudecida, fitando o fogo da caruma, quase extinto no lar, onde requentava a ceia de Natal.

Acocorada na soleira da porta, a mãe, embrulhada num xale, está à espera, atenta ao menor rumor que vem da estrada.

Já por duas vezes com o ramalhão das carvalhas ao vento, ela cuidou ouvir tropear ao longo a cavalgadura.

Não se enxergava um palmo na escuridão da noite de luna nova. Um mar de nuvens cobria os céus, ao fim da tarde. Nem um luzero de estrela trespassa agora aquela negrume denso que enche os espaços e por onde o vento anda à sombra varejando as carvalheiras das bouças e assobiando as aguadas dos pinheiros como uma orquestra de flautas.

— Vai-me Deus! o que tem lá por fora aquela homen, a estas horas da noite! — murmurava a mulher, sucumbida.

— O mãe, não haveria argolas na feira e terá o pai por elas à vista...

— Dorme, rapariga! Amanhã já tens as argolas nas orelhas... Por mor delas desandou teu pai, sózinho na égua por essa serra, que mete medo!

Eram a consolada da filha. A colheria em pão e vinho fôra de dar graças a Deus. Não havia a pequena de ficar sem as argolas por mais tempo. Logo ao clarear da manhã, o Manuel da Eira selaria a égua, entalara o vara-pau debaixo da coxa, lembrado da quadrinha de Redemoinhos, e pusera-se a caminho para a feira de Lanhoso, prometendo

estar de volta ao amortecedor do sol, para consolar.

Ainda a mulher advertira, receosa:

— Mexe-te a caminho cedo.

Toma tanto com a ladroeagem de Redemoinhos!

E o Manuel da Eira, desmido, voltara-se no seu:

— Hoje é o dia em que nascem o Salvador. Os ladões também são gente cristã!

E picando a égua com a espiga, abriu-a, afloito, pela estrada.

Já ao longe, na igreja da freguesia, os sinos turbinam tocado a misericórdia do gelo. Rajadas mais fortes de ventos encheram os céus de um borboletino sibilante e agitavam no aéreio os armenhos das vidas por podar.

Súbito, a criança e a mãe ergueram-se no catre e no portal da porta.

— Os, Maria, da Eira!

Sobre as traves, o vento parece que arrasta as telhas. No teto, os porcos grunhem. Uma nuvem de cinzas ergue-se e rodopia no lar, sobre a caruma.

Sem pinga de sangue, a mulher grita, numa ansiedade, afita, empurrando a cancela.

— Quem me chama?

E entre o rumor do vento distingue a tropada da égua, os passos vagarosos de dois homens.

— Traga a candeia... — torna a voz, na estrada.

A criança está já fora do catre, à espera das argolas, estregando nas costas da mão os olhos foscos de sono.

Tropeçando na saia, a mulher desengancha a candeia da parede, e à luz morticia, saindo ao terreiro, vê o seu homem, trazido a braços, como morto. Atrás do grupo fúnebre avança a égua trôpega.

Os homens param. O da frente, encarando com o desatino da mulher, resmoneia, esbaforido:

— Tome conta na luz! Não va-

mos agora ficar nestes negros met. O seu homem vem vivo.

Só então ela parece acordar do seu doloroso espanco e soluça, erguendo para o céu ventoso os braços, deixando fugir o xale.

— Nossa Senhora! Divino amor de Deus, que estou desgracada!

— Cale-se, mulher! Derreados vimos nós com este pérola. Deixos com ele numa vala, caido ao pé da égua. Foi pancada que lhe tiraram a falso-fé para roubar.

Em altos gritos, ela empurra a porta, ajuda a deitar o seu homem no catre. A criança soluça, refugiada a um canto, suorada pelo medo, e enquanto a mulher rasga, com a violência do terror, uma camisa de linho para ligadura, os dois homens lavam as mãos ensanguentadas num alguidar e atiram o lume da lareira com um graveto de tojo.

Debalde a mulher agora espurge de vinagre o rosto desfigurado do ferido. Com o braço pendente e as unhas cravadas na palma da mão direita, enlameado e lívido, o Manuel da Eira parece morto, estendido no catre.

— Ele já não tem vida! — clama, num alarido de lágrimas, a viúva, desanimando de abrir aquela mão crispada do defunto.

Os homens deixaram de atigar o braçero, amparam-na e erguem-na do chão, onde ela se deixou cair desanimada, arrancando os cabelos, com um escarreto de gritos e soluços.

— Os homens não fecham as mãos. Isso é coisa que ele tem escondida.

Então novamente, reconfortada por uma última esperança mais do que em estancar o sangue das feridas, esforçou-se em abrir o punho obstinadamente fechado do seu homem. Mas desfalece depressa e de novo abate, com a voz estrangulada de soluços maliores.

Velho, embora, "ninguém lhe

para despegar aquela garrucha.

— Abra a mão, pai!

Por sua vez, os dois homens também a criança, aterrada e tentam, inutilmente desunir a palma sangrenta os dedos inflexíveis.

— Pal, abra a mão! — geme a força, que aos outros falta,

para despegar aquela garrucha.

E de repente, obedecendo a vozinha implorante, a mão abre-se e duas argolas de ouro, pequenas, aparecem, reluzem e tilintam no balanço.

FIRMO, O VAQUEIRO

Conto de Coelho Neto

Sentados na soleira da soleira da palhoça, em face do verde campo, à hora vesperal em que os rebanhos recolhem, o velho Firmino e eu fumavamo-nos de fachas. Apesar de aquecido e enverno andava com arrogância e notava-se na voz, aspera e forte, o quanto de comando.

Firmino era meu companheiro quando eu ia passar as férias na roça. O que ele sabia de histórias, e como as contava fazendo a voz enternecida, e magia para imitar as princesas que imploremos ou arremessando com vozinha pernival para que eu tivesse a impressão exata do bradar notável dos gigantes antropófagos. E não só histórias dos livros, outras sabia que eu jamais em letras viria a que descrevia a vara branca seduzindo o remador do Itapicuru e o conto do surupira, com que no bom tempo faziam cessar a minha imprensa.

Algunas eram inventadas por ele diziam; outras o velho Firmino, vaqueano e andejo, aprendera por esses serões de Deus por onde caminhava. Andava pelos oitenta anos, mas quem o visse a cavalo, no campo, não lhe daria tanta idade. O diabo era o reumatismo que lhe não deixava as pernas. No seu tempo ninguém levava o melhor ao Firmino do Curral Novo. Raparigas que uma vez o viam montado no garboso fábrica, o lago em volta da cinta, a agulhada firme sobre a coxa coberta de couro cru, perdiam-se de amor por ele.

Era um caboclo atritado, musculoso e rijo; grande olhos negros brilhavam no seu rosto queimado pelos verões e os cachos do seu cabelo rolavam-lhe pelos ombros largos. Velho, embora, "ninguém lhe

chegava ao pé sem muito jeito", como, ele próprio dizia sorrindo com os seus dentes manudos, agudos como pontas de fachas. Apesar de aquecido e enverno andava com arrogância e notava-se na voz, aspera e forte, o quanto de comando.

Era tempo de festas, quando vinham para a meia-mesa moças do lugar e moças de mais longe, Firmino sentava na roda, sapateando, rasgando na viola a tirada dos campeiros, e quem ouvia pegar no verso do caboclo! As moças morenas sorriam com os olhos rascunhados e unidas desfaziam-se uns flores para que cantador as fosse pisando no sapato... por isso o Firmino andava sempre de ponta com os companheiros e, mais de uma vez, o descente acabou varrido à face; mas quem fizesse do lado do caboclo podia estar descansado — nunca fui eu de arrecha, fôso com um, tosse com dez ou mais.

Mininha, a velha mucama de casa, quando o via passar no caminho, curvado pitando o seu cachimbo de taquare, dizia malicioso: — Isso, ansi isso, foi o diabol. Firmino "vivia encostado no tempo de dantes", a saudade era o seu conforto. "Hoje em dia quê que a gente vê? má linguagem e moleza só, dizia e citava os valentes de ontem e mostrava as velhas gabardilhas; a beleza que a idade fana: "Serapão, homem que nem o diabol... Aha Rosa, essa curumba... foi mulata de dentes, era um motim aqui em cima por causa dela. Filomena, com essa cara de peixe moqueia.

Firmino ficava enlevado acompanhando os movimentos da manada, inclinando-se para um lado, para outro, aspirando sôfregos. De repente batia as palmas e juntava, logo em seguida, as mãos na boca à guisa de porta-voz bradando:

— Eh! eh! eh! cou! rum! Eh! cou... (Continua na última página)

SUAVE NOITE DE NATAL

Solimar de Oliveira

Natal. Noite de luar. Ansioso e prece. Cinge o horizonte meliga claridade; o céu, tranquilo, irradia, parece, todo o aroma que vem da Eternidade...

Daquela noite esplêndida, quem há de toda glória esquecer? Ninguem a esquece!

— Cumprê-se um tempo mais da Humanidade, de polo a polo o mundo resplandece!

Vêm de estrelas um bando imperioso, chamar a Humanidade ao grande signo, de uma Era Nova, de um Porvir glorioso...

Cantam vozes de luz no céu profundo!

— Nasceu o Rei dos reis, o Deus Benigno,

para os pobres e os tristes deste Mundo!

Padaria Americana

Pães Quentes a Toda Hora

Rua Araribóia, 35 — Vitória

Apresenta ao povo capixaba, particularmente a seus fregueses, sinceros votos de BOAS FESTAS e prosperidade no ANO NOVO

Um Papai Noel Diferente

Conto de PATERSON

— Menino, onde está sua botina, moque?

O negrinho, com as mãos nervosas a esfregar os olhos espantados, molhados de lágrimas, não sabia informar.

— Anda capeta, diz onde você pôs sua botina, senão eu te acabo na péia!

Como o garoto continuasse,

apesar das ameaças, a nada dizer, a preta caiu sobre ele, dando-lhe inúmeros safanões. Mas

como quase sempre a maior defesa de um menino que está sendo espancado pela mãe é a correria, o negrinho Tião arreou o pé. E sua mãe, que com imensas dificuldades havia comprado a botina, que agora de repente desaparecera, bufando de raiva o perseguia. Pega-não-pega, acabou o Tião entrando debaixo de um velho e lindo catre, localizado na sala do barraço de três cômodos.

— Sai daí, filho de uma...

Mas quem obedeceu foi o vizinho lata do Tião, o Bilú. O menino mesmo não. A preta, ante a recusa do coleque, sentenciou:

— Pois tu vai ficar ai até a noite.

E ficou.

— Oo —

Natal, festa do Menino Jesus. Festa do Papai Noel e de toda a infância, ou quase toda.

As crianças naquela dia corriam a procurar sob as camas, debaixo dos travesseiros, dentro de seus sapatinhos postos no dia anterior sobre as Janeiras, e em mil e outros lugares, os presentes maravilhosos que o Velhinho de barbas brancas lhes traria. Muitas crianças se alegravam. Outras se decepcionavam, pois recebiam presentes, mas não os que haviam sonhado e febrilmente dese-

jado. E outras, menos felizes, tinham recebido, nada ganho do Papai Noel que dizia tão bem. E entre essas infelizes criaturas se encontrava Tião que, com um agravante, havia maiores motivos para se entristecer: ao invés de ganhar perdida a sua botina, aliás, um dos pés do calçado, que pusera na soleira da porta da rua, em lugar mais acessível ao Velhinho.

— Oo —

Pouco antes de sua mãe vir tirá-lo de sob o catre Tião, com o rosto sobre as mãos espalhadas no chão húmido, devaneava, recordando os inúmeros presentes que o Carlinhos, filho da madame para quem sua mãe lavava roupas, possuía. Ai se ganhava pelo menos o velocípede velho que o Carlinhos não ligava mais, pois agora tinha uma bicicleta novinha, uma bola enorme de futebol e muitíssimos outros brinquedos! Cansado de sonhar inutilmente, desde que, numa tentativa de brincar com o velho velocípede de seu amiguinho Rico, lhe resultara uns palavrões do menino e uns puções de orelha pela mãe, Tião, num último gesto de esperança, apalpou, com suas mãozinhas magras de menino anêmico o chão batido ao seu derredor, a procura do sapato que talvez o cachorro

que seu único amigo fiel e brinquedo interessante, para ali levara. Mas nisto tocou num objeto de couro, quadrangular, esfumado. Tião a mão e tornou a levá-la ao achatado estranho, que se lembrava não fazer parte de seus brinquedinhos, na maioria de taquare, realizados por ele mesmo. Arredou um pouco para fora, onde a escravidão estava menos densa, e pode chegar à conclusão, depois de muita atenção, de que se tratava de uma carteira. A aberta, dividiu papéis vermelhos cortados em tamanho igual, que já tivera a oportunidade de ver semelhantes nas mãos do caixeteiro da loja de "seu" Tonico, quando fazia pagamento ao viajante de mercadorias, ou aos sábados, quando fazia as férias do dia. Não teve dúvida: tratava-se de dinheiro.

Em gritos saiu correndo de encontro à mãe, que estava na cozinha, mostrando-lhe o achado. Nisto o Bilú, de rabo batido, veio também, mas com o pé da botina que desaparecera, na boca.

O Papai Noel para o Tião tinha sido diferente de todos os outros: — um cão, que ao invés de osso, levou para casa uma carteira cheia de dinheiro...

Entrevista com o Dr. Eurípedes Queiroz do Vale Presidente da Academia Espiritossantense de Letras

Em entrevista exclusiva concedida ao nosso Diretor, o Dr. Eurípedes Queiroz do Vale, Presidente da Academia Espiritossantense de Letras respondeu a uma série de perguntas de palpitante atualidade a respeito da vida cultural capixaba, cujos texto abaixo estamos:

P — A que abrigue V.S. a atual marasmo intelectual da

ilha, vez que são poucos os nossos homens de letras que divulgam os seus trabalhos?

R. — Não há rigor marasmo intelectual em nossa ilha. As Associações Culturais estão em atividade. Ainda há pouco a Academia de Letras encerrou, brilhantemente, o seu "Curso Machado de Assis" destinado a divulgar a obra do grande brasileiro.

Foram proferidas sete conferências e debates com uma assistência crescente e interessada.

Estas conferências estiveram a cargo dos Professores Renato Pacheco, Geraldo Alves, Cristiano Fraga, Guilherme Santos Neves, José Leão Nunes e Nelson Almeida, que examinaram os mais curiosos aspectos da personalidade literária daquele grande escritor.

A "Associação de Juristas", por outro lado, prepara-se para comemorar o Dia da Justiça. Do programa organizado consta um pequeno número de adesões recebidas, prometendo ser dos mais interessantes.

A falta de publicação de trabalhos dos nossos homens de letras se deve a outras causas, sendo a principal delas o preço assustador a que atingiu a edição de qualquer livro.

P — Tem V.S. algum ou alguns trabalhos para editar e conhece de outros intelectuais trabalhos inéditos que merecem ser divulgados e que obstruem os entusiastas?

R. — Tenho alguns trabalhos a serem editados, não só jurídicos como literários e conheço intelectuais que também os tem. Esbarramos todos, porém, no mesmo obstáculo: o preço da edição. Por um pequeno "Dicionário Informativo" de fatos e causas do Espírito Santo, obra de divulgação, pedem os editores locais mais de 50 mil cruzeiros. Temos todos que adiar a publicação de nossos trabalhos, a guardado melhores dias.

P — Persiste V.S. em erigir a "Casa da Cultura" com objetivos de congregar toda

P. — Por que não mais se falou do "Prêmio Cidade de Vitória" e o Projeto de Lei apresentado na Assembleia Legislativa pelo Deputado Lauro Calmon?

R. — O Concurso para o Prêmio "Cidade de Vitória" deve ser suspenso por falta de pagamento aos autores vitorianos. Espera-se que o Prefeito Adelmo Monjardim resguarde agora o Concurso autorizando a Academia a promovê-lo, depositando, previamente, a importância dos prêmios para que inspire confiança nos concorrentes.

P. — Poderíamos dinamizar os vários setores da cultura de nossa terra?

R. — Podemos. O essencial é selecionar e interessar o elemento humano capaz. Ha

uma certa falta de planejamento objetivo e seguro nas nossas iniciativas. Daí o fracasso de muitas.

P. — Veria com simpatia a colaboração de toda a imprensa, visando tornar realidade a vida cultural do nosso Estado?

R. — Sem dúvida que sim. Depende da maneira de objetivar essa colaboração.

Devaneios

Nos verdes ramos, o ninho balouça ao sabor da brisa. O seu canto, passarinho, minhas máguas ameniza

Por entre as verdes ramadas o frágil ninho balança Ao sabor da fantasia, se embala minha esperança...

Eu canjo doces cantigas que faço em meus devaneios: os meus cantos, passarinhos, não são como seus gorgelos!

Não têm dos seus a pureza nem tão pouco a melodia, o meu canto é só tristeza... o seu, é todo alegria!

Canta, canta passarinho, que a sua voz sonora traz consolo traz carinho ao meu coração que chora.

A "Associação de Juristas", por outro lado, prepara-se para comemorar o Dia da Justiça. Do programa organizado consta um pequeno número de adesões recebidas, prometendo ser dos mais interessantes.

A falta de publicação de trabalhos dos nossos homens de letras se deve a outras causas, sendo a principal delas o preço assustador a que atingiu a edição de qualquer livro.

(Continuação da primeira pág.)

e Castro e a Literaria de Anete de Castro Castro, que proferiu a palestra "Músicalinguagem universal — Chopin, alma da Polônia", que recentemente foi comentada na Argentina pelo maestro Ricardo Marino.

Por ocasião do centenário da cidade de Vitória realizou na Agência Copollo a "VITRINE

LITERARIA FEMININA, —

única no gênero realizada na Capital e que foram expostos mais de duzentos trabalhos literários, sob os mais variados assuntos, que ednstituiu grande sucesso. Participou com a Academia E. S. Letras dos festejos comemorativos dos centenários de nascimento de Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa.

Foram realizadas conferências que estiveram a cargo do Prof. Pereira Franco, sob o título "CAPIXABAS". Da Prof. Doralice Oliveira Neves, em 1953 em homenagem ao dia de "Caxias" sob o tema "Colaboração da Mulher Brasileira nos campos de batatal". De Zeny Santos sob o título "Consideração sobre alguns filósofos". Do Prof. Almeida Cou-

sin sob o título "Brasília — Ijamonte" e outras.

Foram ainda feitas palestras pelo rádio e em solenidades em que tem tomado parte, em colaboração com os demais instituições culturais da cidade. Realizou duas magníficas "NOITES DE POESIA" uma no Clube Vitória e outra na residência do industrial Pindaro Prado. Em julho de 1957 realizou, a primeira vez no Estado, a Primeira Exposição Feminina Capixaba de Poesia, em que mais de 30 poesias expuseram trabalhos em estilos variados.

Foram realizadas conferências que estiveram a cargo do Prof. Pereira Franco, sob o título "CAPIXABAS". Da Prof. Doralice Oliveira Neves, em 1953 em homenagem ao dia de "Caxias" sob o tema "Colaboração da Mulher Brasileira nos campos de batatal". De Zeny Santos sob o título "Consideração sobre alguns filósofos". Do Prof. Almeida Cou-

biloteca que já conta com vários livros, ofertas. Possui registradas no Cartório Castelo os seus Estatutos, que são a sua lei orgânica. É reconhecida de utilidade pública pela Câmara Municipal e pelo Governo. Está subvenzionada pela Secretaria da Educação e Cultura, desde 1957 sem contudo, até hoje ter conseguido um nicho sique, dessa subvenção.

A Academia, apesar de suas inúmeras dificuldades e falta de cooperação das próprias intelectuais capixabas, vem, com sacrifício, vencendo a incumbência que lhe foi imposta, procurando, sempre, quanto pode, divulgar a literatura feminina do E. Santo, nos outros Estados e no estrangeiro.

Alguns Dados Sobre a...

Firmo, o Vaqueiro

(Continuação da 7a página)

ser?!

— Raimundinho. O velho sacudiu-se novamente na rede e, voltando-se para a porta com um sorriso, perguntou:

— E onde está esse negro que não entra?

— Boa-noite à gente da casa! disse da porta o cafuso.

— Entra, negro!

O cafuso, um codoense de fama, atravessou o limiar da porta:

— Então, tio Firmo, a febre pôde mais, hein?

— Sim, porque eu não vi quando ela entrou... quando não! Então, negro, que é que vamos fazendo?...

— Vim fazer a minha festa. Dizem que vão queimar fogueras no Curral Novo...

— Como vai Noca?

— Boa.

— E Ana? está na cidade, mais o pai?

— Hen, hen, afirmou o cafuso.

— Negro, você não vai daqui hoje. Ah! patrâo, voçê vai ver o que é um diabo. Negro, ajunta a madeira ali atrás da arca...

— Está encordoad?

— O danado! Onde você viu viola sem corda? e afimada, ajunha.

O codoense agachou-se, apanhou a viola do vaqueiro e logo correu os dedos ágeis pelas cordas:

— Passa p'ra luz, cafuso.

— Já vou...

Sentou-se no centro da mesa, cruzou as pernas e, — tombando a cabeca, gemeu a toada sentaneja:

— Anda com Deus.

— Lá vai; pigarreou e desfeiu:

— No coração de quem ama Nasce uma flor que envenena"

— Eh! gritou o Firmo entusiasmado, concluindo a quadra:

— Morena, essa flor que mata Chama-se paixão, morena..."

— Pega, negro... não deixa

o verso no chão!

De fora, continuo e doce, vinha o coro longínquo das crianças em louvor de Jesus e, de vez em vez, reboava o mugido de um touro.

Quando o cafuso descansou a viola, Firmo disse da rede com esforço, arrastando a voz fraca:

— Canta, canta mais, cafuso... Quem não tem Nossa Palouve a cantiga. Canta.

Era tarde quando desci o outeiro. Raimundinho lá ficou cantando.

— No dia seguinte, à hora em que saia o gado, estava eu debruçado à varanda quando vi o cafuso que preparava o animal viageiro:

— Raimundinho, como vai ele?...

De longe apontou para a palhoça:

— Sim.

O braço caiu-lhe, olhou-me algum tempo comovido; depois, saltando para o animal, levou o polegar à boca fazendo estalar a unha nos dentes: "A's quatro da manhã... Atrei um verso e disse, para bulir com ele: Pega, velho!

Não respondeu. Tio Firmo, mesmo velho e doente, não era homem para deixar um verso no chão... Fui ver, coitado! estava morto". E deu de espumas para que eu não lhe visse as lágrimas.

Subi ao outeiro... Pobre Firmo! Lá estava no fundo da rede, cercado de gente. Guardara o sorriso, morrera feliz, ouvindo os cantos de seu tempo e bem perto de casa o mugido dos rebanhos. E bem que o choraram nessa noite os grandes bois, e diziam, entretanto, que estavam louvando o Senhor Menino; chorando o companheiro e que eles estavam, os grandes bois que presentem todos as desgraças e que vieram a morte passar, à noite, com a folce de rastro, através das campinas!

Bem que choraram nessa noite os bois: de certo viram a morte entrar na cabana de Firmo.

COMPANHIA TELEFONICA DO ESPIRITO SANTO



AVISO

Como acontece em todas as cidades providas de rede telefônica de serviço automático, em determinadas épocas do ano, tanto o ruído de discar como a progressão da chamada, tornam-se mais demorados, em consequência do congestionamento do equipamento, devido à sobrecarga de serviço.

O ruído de discar ser-lhe-á proporcionado com menor demora e as ligações sofrerão menor retardamento em seu desenvolvimento, se V. Sa. aguardar um pouco mais do que o habitual.

Acionar repetidamente os pinos do aparelho pelo demora do ruído, ou desligar o telefone por demora na progressão da chamada para nova tentativa, concorrerá para aumentar os efeitos da sobrecarga.

Colabore com o serviço telefônico da cidade, evitando ligações desnecessárias e prolongadas.

Esteja preparado para discar logo que se apresentar o ruído.